

As prescrições de gênero na imprensa chapecoense (1946)

Bruna Carolina Krauspenhar

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista institucional

Samira Peruchi Moretto

Professora do Departamento de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)
samira.moretto@uffs.edu.br

Resumo

A pesquisa apresentada discute as prescrições de gênero representadas na imprensa, evidenciando os ideais de beleza e feminilidade como construção social. O objeto de análise foi a coluna Garota Bonita, publicada no jornal A voz de Chapecó durante o ano de 1946, no município de Chapecó, Oeste de Santa Catarina. O discurso presente no jornal serviu para compreender a construção e representação da identidade de gênero no município, destacando os anúncios frequentes de concursos de beleza destinados às mulheres, os conselhos médicos sobre o corpo feminino, as ausências nos discursos textuais políticos e, principalmente, o conteúdo da coluna Garota Bonita, que difundia modelos de comportamento às mulheres, aconselhando sobre o casamento, a vida doméstica e etiqueta social. As publicações da historiadora Tânia Regina de Luca auxiliaram para o desenvolvimento metodológico desta pesquisa, no trato com as fontes jornalísticas. Para fundamentar a investigação, utilizou-se o conceito de gênero enquanto categoria de análise histórica. Constatou-se no discurso analisado ideais de feminilidade que associavam beleza ao trabalho doméstico, além disso, observou-se as mudanças nas formas de sentir, tornando o amor cada vez mais idealizado e com isso, prescrevendo comportamentos que poderiam ou não caber nos ideais românticos. Todas as prescrições de identidade de gênero encontraram resistências, pois entende-se que a coluna Garota Bonita existiu por não haver consenso social sobre o lugar da mulher na sociedade, ao ponto que Eugênio dedicou-se a difamar as mulheres que lutavam por igualdade de direitos, o que apresenta uma preocupação social com os novos espaços conquistados pelas mulheres ao longo do século XX.

Abstract

The research presented here discusses the gender prescriptions represented in the press, highlighting the ideals of beauty and femininity as a social construction. The object of analysis was the Garota Bonita column, published in the newspaper A voz de Chapecó during 1946, in the municipality of Chapecó, West of Santa Catarina. The discourse present in the newspaper served to understand the construction and representation of gender identity in the city, highlighting the frequent advertisements of beauty contests aimed at women, medical advice on the female body, absences in political textual discourses and, especially, the content of the Garota Bonita column, which disseminated behavior models to women, advising on marriage, domestic life and social etiquette. The publications of historian Tânia Regina de Luca helped for the methodological development of this research, in dealing with journalistic sources. To support the investigation, the concept of gender was used as a category of historical analysis. In the analyzed discourse, ideals of femininity that associated beauty with housework were observed. In addition, changes in the ways of feeling were observed, making love increasingly idealized and, therefore, prescribing behaviors that might

or might not fit into romantic ideals. All gender identity prescriptions met with resistance, as it is understood that the Garota Bonita column existed because there was no social consensus on the place of women in society, to the point that Eugênio dedicated himself to defaming women who fought for equal rights, which presents a social concern with the new spaces conquered by women throughout the 20th century.

Introdução/Justificativa

Esta pesquisa propôs-se a analisar como as identidades generificadas, através dos ideais de beleza e feminilidade, foram construídas e representadas em Chapecó, município localizado na região Oeste de Santa Catarina, a partir do discurso presente na imprensa jornalística no ano de 1946. Como fonte histórica utilizou-se os exemplares do jornal intitulado A Voz de Chapecó, primeiro jornal do município. A relevância desta pesquisa parte da percepção de que a delegação de funções compreendidas como naturais às mulheres, partem do ideal de feminilidade que se construiu no passado. Apesar dos esforços das lutas feministas, das indagações dos estudos de gênero, as resistências de diversas mulheres ao longo da história, que muito melhoraram as condições de vida femininas na sociedade, ainda assim são percebidas certas permanências, como por exemplo, em relação à responsabilização das mulheres pelas funções domésticas na atualidade.

As funções como dedicar-se ao lar, à limpeza do ambiente, ao cuidado com os filhos e com o marido, planejar e elaborar as refeições, lavar as roupas de todos os membros da casa, dentre outras, são compreendidas como atividades naturais às mulheres. Ao apresentar que os discursos que prescreveram às mulheres o trabalho doméstico, e mais, que a domesticidade era representada como um ideal de feminilidade, contribui-se para questionar “verdades” naturalizadas e consolidadas, contribuindo para as causas políticas dos estudos de gênero, para “uma existência menos excludente” (PEDRO, 2005, p. 92).

Destaca-se o recorte temporal do imediato pós-guerra, 1946, considerando que conjuntura vivida no país e no mundo, pós 2ª Guerra, foi vivida por Chapecó também. Mas, conforme a historiadora Núcia Alexandra Silva de Oliveira, para as mulheres o pós-guerra significou vários discursos e empenhos para que retornassem ao lar, passada a necessidade de que trabalhassem no lugar dos homens. Para isso, o ideal de domesticidade passou a ser uma tônica nos discursos representando a feminilidade, pois o objetivo consistia em “retomar os valores considerados em

risco por conta de uma inversão de papéis” (OLIVEIRA, 2001, p. 62-63).

Os discursos que representavam a feminilidade estavam conectados ao ideal de beleza, visto que, quanto mais bonita e nos padrões estabelecidos, mais feminina a mulher passou a ser considerada. A figura de masculinidade, entretanto, não se mede em função da beleza, mas de outros atributos, como a razão e capacidade de decisão. Essas definições de beleza feminina são construções modernas, pois, na modernidade a estética feminina passa a enobrecer a mulher, ao mesmo tempo que o comportamento para tornarem-se belas também passam a ser prescritos.

Conforme as pesquisas de Oliveira (2001, p. 66), em relação aos padrões de beleza do início do século XX, as colunas jornalísticas se dedicavam constantemente às receitas de emagrecimento, tornando-se prescrições de beleza frequentes, enfatizando a mudança de hábitos. No jornal A voz de Chapecó, o colunista Eugênio Aguilhão escrevia semanalmente conselhos às mulheres e em resposta à carta de uma leitora em 7 de julho de 1946 sugeriu o emagrecimento:

Procure um médico que ele lhe aconselhará uma alimentação sadia e suficiente, evitando aquele que colabora para o aumento da sua gordura. Além disso, faça exercícios físicos regulares e sérios; não espere resultados dentro de uma semana. Arme-se de coragem e perseverança e você verá que a recompensa valerá a pena (AGUILHÃO, 1946, n. 92, p. 2).

No discurso de Aguilhão a beleza não é mais vista um dom, atributo divino, mas sim um processo longo que se pode conquistar, um hábito. Com as mudanças nas formas de ser bela na sociedade, as mulheres passaram a ser incentivadas a dedicar-se a conquistar a beleza, através da compra de cosméticos, do emagrecimento, do comportamento, entre outras prescrições (OLIVEIRA, 2001). Os discursos presentes na imprensa que serão analisados na dissertação, são frutos de relações de poder presentes na construção dos jornais analisados. Entretanto, não se pode pensar em uma imposição de ideais de mulher e de beleza, pois os textos da imprensa estavam em diálogo com a sociedade. Para pensar nessa relação, é importante compreender a sociedade que produzia e consumia os jornais, destacando que o município de Chapecó nas décadas de 1940 e 1950 ainda estava em processo de colonização.

Joana Maria Pedro (2010, p. 281), em seu capítulo intitulado “Mulheres do Sul” do livro “História das mulheres no Brasil”, escreveu que as novas elites urbanas que migraram para o sul do Brasil no fim do século XIX e início do XX, fundaram jornais responsáveis por difundir modelos de

comportamento, especialmente para as mulheres: “Os jornais pareciam veicular um projeto civilizador com pretensão de construir novos homens e mulheres, divulgando imagens idealizadas para ambos os sexos” (PEDRO, 2010, p. 281). Essas elites buscavam refletir os padrões europeus de conduta, do que era considerado civilizado, um exemplo é a construção em Chapecó de um grande salão de festividades no período, o Clube Recreativo Chapecoense, CRC, fundado em 1938. O clube seguia os moldes dos salões europeus, e suas festividades eram destinadas à elite (HASS, 2013, p. 58). Nesses salões passaram a ocorrer concursos de beleza, que possuíam várias etapas e a discrepância considerável na quantidade de votos era proporcional ao prestígio social.

Pedro (2010, p. 281-282), destaca que a imprensa não pode ser vista como uma entidade com poder absoluto para estabelecer modelos ideais de mulheres, é preciso perceber que o imaginário local já abarcava esses ideais femininos. A imprensa do sul do país reproduzia os estereótipos generificados conforme os contextos em que essas sociedades viviam, moldando as mulheres às necessidades de uma conjuntura política, social, econômica. Compreende-se que a feminilidade resulta de “um contínuo processo de construção psicossocial, cuja vinculação com o sexo biológico é fruto das definições e atribuições culturais”. As lógicas que naturalizaram o feminino, criam subjetividades, ou seja, o conjunto de características atribuídas às mulheres e que vão se organizando como uma identidade de gênero, as quais vão sendo construídas desde a infância, a partir das expectativas transmitidas pelos pais (NOVELINO, 1998, p. 20-21). A partir disso, determinadas características cabem ou não ao que se conhece como feminino, como a domesticidade, a beleza, a delicadeza e a sensibilidade.

Ao mesmo tempo que passou a ser valorizada a domesticidade feminina, a partir da ascensão da sociedade burguesa no século XIX, ocorreu uma mudança na forma em que os sentimentos eram vivenciados socialmente, sendo que as experiências entre os corpos passaram a ser mais afastadas, e eles mediados por um conjunto de regras prescritas pelo amor romântico. Para compreender exatamente essa mulher idealizada, Carla Pinsky definiu como características próprias da feminilidade “como o instinto materno, pureza, resignação e doçura” (PINSKY, 2010, p. 609). A moralidade que priorizava a domesticidade feminina, favorecia as experiências sexuais masculinas enquanto procurava restringir a sexualidade feminina ao casamento, sendo o casamento representado como a maior realização feminina.

Maria Angela D’Incao verificou relatos de fugas para contato físico entre amantes, tão mal

vistos pela sociedade do século XIX. Essas fugas faziam com que os familiares repreendessem os corpos. Com a ascensão do amor romântico, passou-se a viver um amor idealizado, ou seja, houve um autocontrole dos corpos, principalmente femininos. Agora elas precisavam se portar adequadamente para satisfazer os ideais masculinos, para encontrar o par ideal (D'INCAO, 2010, p. 235-236).

No século XX, os casamentos não eram mais arranjados, com as novas formas de sentir, havia a necessidade de afeto ao casar-se. Logo, o amor romântico proporcionou as vivências amorosas em um mundo ideal, em que as mulheres eram educadas para vigiar a si mesmas, para controlar o próprio corpo em relação ao desejo. De acordo com Pinsky (2010, p. 618), o romantismo e a sensibilidade eram características tidas como especialmente femininas, sendo as literaturas destinadas às mulheres caracterizadas por alimentar essas percepções. O amor romântico era apaixonado e entregue em seus ideais, mas a busca incansável por essa nova forma de sentir domesticava os corpos. Cada vez mais evitou-se violar a moral, pois às mulheres cabia controlar os instintos e distanciar-se fisicamente do objeto de desejo para encaixar-se nos ideais da musa intocada e intocável, única figura merecedora do amor masculino.

Nos exemplares de *A voz de Chapecó* analisados é possível perceber que conteúdos que envolviam sensibilidade, paixão, amor, encontravam-se na seção destinada às mulheres. Na coluna *Garota Bonita* publicada ao longo de 1946, baliza inicial da pesquisa que se propõe, os discursos do colunista Eugênio Aguilhão giravam em torno de promover normas de comportamento feminino, escrevendo dicas de como conseguir um casamento, tida como a principal conquista feminina e criticando as mulheres que desviavam o comportamento, como as que lutavam por seus direitos. Após 1946 a coluna *Garota Bonita* não foi mais publicada, mas até o ano de 1953 é possível perceber no jornal *A voz de Chapecó* discursos que promovem o amor e a beleza como características que compõem a feminilidade.

Em relação ao recorte espacial desta pesquisa, em conformidade com as observações de Águila e Jensen (2017), destaca-se as potencialidades nas pesquisas históricas regionais, as quais deslocam os holofotes das capitais e apresentam outras escalas espaciais, outros sujeitos que experimentaram os mesmos fenômenos históricos. Ao escrever sobre a história de Chapecó o que está em evidência são diferentes singularidades de cada processo, que podem ser colocadas em diálogo ao comparar os aspectos da micro-história e macro-história. O município estava em

processo de colonização no período investigado (1946-1953), haja visto que até o início do século XX, a região oeste de Santa Catarina não havia recebido incentivos de “povoamento”, principalmente em função ao território estar em disputa.

Em 1917, as terras da região oeste de Santa Catarina foram repassadas para empresas colonizadoras, pois desconsiderava-se que as populações indígenas e caboclas poderiam trazer o progresso almejado, sendo que estas não possuíam terras legalmente, nem produziam excedentes para comercializar. O governo estadual confiou às empresas colonizadoras para que administrassem o processo de “povoamento”, sendo que estas buscavam vender as terras “inóspitas” do Oeste para colonos teutos e ítalo-brasileiros que viviam no Rio Grande do Sul. A nacionalidade desejada era em função de um ideário que estes eram “ordeiros e trabalhadores” e trariam o progresso para a região (NODARI, 2012). Pensando em um território que se desejava colonizar e “civilizar”, fundar um periódico foi iniciativa bem-vinda. De acordo com Macedo (2010, p. 25), os idealizadores e fundadores de um jornal em Chapecó foram: Ernesto Bertaso, Antonio Selistre e Vicente Cunha. Todos eram homens influentes na cidade, destacando-se no cenário político, sendo o Coronel Bertaso fundador do município.

As lacunas das pesquisas sobre as relações de gênero na região Oeste de Santa Catarina, instigam à análise a relação entre imprensa e sociedade na região, com enfoque nos papéis de gênero utilizando o município de Chapecó como recorte espacial. Os estudos de gênero possuem importância fundamental no contexto atual brasileiro, principalmente por apontar a historicidade dos estereótipos de gênero, considerando a ascendência dos discursos conservadores misóginos e machistas. Ao estudar gênero no Brasil, no mínimo, desenvolve-se uma função social de desconstruir discursos naturalizados. A historiadora brasileira Joana Maria Pedro (2005) pontua que quando os historiadores e historiadoras dedicam-se a pesquisar como “[...] os diferentes meios de comunicação e divulgação constituem as diferenças reforçando e instituindo os gêneros, estamos escrevendo uma história que questiona as ‘verdades’ sedimentadas, contribuindo para uma existência menos excludente”.

Ressalta-se também que o espaço que se pretende pesquisar, localizado no Oeste de Santa Catarina, possui certas especificidades, como a colonização no início do século XX e o caráter violento, o que implica nas relações de gênero. Dessa forma, destaca-se a importância da realização de pesquisas que consideram os sujeitos do interior do Brasil, pois os processos de colonização,

ocupação do território, resistências e extermínio da população indígena e as relações sociais ocorreram de formas diferentes do que das capitais, relacionando-se também com a história nacional e internacional. Além disso, nesses espaços que por muito tempo foram esquecidos da historiografia, as pesquisas sobre as relações de gênero ainda são escassas, por isso a importância em perceber como se davam essas relações considerando as peculiaridades regionais.

Objetivo

A pesquisa apresentada teve como finalidade a discussão das representações dos ideais de beleza e feminilidade na coluna Garota Bonita, escrita por Eugênio Aguilhão, do jornal A Voz de Chapecó, a qual foi publicada durante o ano de 1946, com o objetivo de apresentar os discursos que envolvem as prescrições de gênero, salientando que elas não são naturais às mulheres, mas foram construídas ao longo do tempo, analisando as prescrições de gênero através dos ideais de beleza e feminilidade. Além disso, percebeu-se também as influências das formas de sentir nas prescrições de feminilidade, com a idealização da mulher.

Além de discutir os padrões de gênero, um dos objetivos da pesquisa foi evidenciar formas de resistência às prescrições normativas de gênero, preocupando-se em fugir de uma escrita da história que aborda os discursos sobre os papéis de gênero “como se essas posições normativas fossem o produto do consenso social e não do conflito” (SCOTT, 1995, p. 87).

Quando se apresenta a historicidade dos estereótipos de gênero, um dos objetivos dos historiadores consiste em contrapor-se às percepções essencialistas sobre o feminino, da mulher que nasce com as habilidades domésticas e de cuidado, assim como da mulher que ama desprender horas em busca de um padrão de beleza inalcançável.

Metodologia

Inicialmente, a pesquisa dependeu de um balanço historiográfico sobre as relações de gênero na região Oeste de Santa Catarina, como a historiadora Fernanda Arno e o historiador Fernando Vojniak, a fim de compreender as peculiaridades regionais e auxiliar em seu desenvolvimento. Ainda no desenvolvimento inicial da pesquisa, para auxiliar na futura leitura das fontes jornalísticas,

fez-se importante a leitura das publicações de historiadores que escreveram sobre a utilização da imprensa como fonte histórica, como Tânia Regina de Luca. Assim como apropriar-se das discussões sobre gênero e história das mulheres.

A historiadora Tânia Regina de Luca em seu texto “História dos, nos e por meio dos periódicos” fornece ferramentas metodológicas para o uso da imprensa como fonte histórica, traçando a história da lida com essa tipologia de fonte, apresentando trabalhos e fornecendo procedimentos para realizar a crítica às fontes. Ao debruçar sobre este jornal, neste período, a historiadora ou historiador encontrará papéis amarelos, por vezes partes ilegíveis. Conforme Tânia Regina de Luca (2010, p. 132), as páginas amarelecidas trazem parte do processo da história daquele jornal, é importante perceber a materialidade dos impressos e não naturalizar esses aspectos.

No segundo momento, efetuou-se o levantamento de dados documentais. Através da pesquisa em arquivo, foram recolhidas as fontes históricas analisadas na pesquisa, levando em conta o conteúdo presente no jornal que represente os ideais de feminilidade, de beleza e de amor. Foi utilizado o jornal *A voz de Chapecó*, fundado em 1939, sendo por muito tempo o único jornal do município. Todas as fontes jornalísticas foram coletadas no Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM).

Após o recolhimento do material necessário, ocorreu a interpretação das fontes, objetivando responder o problema de pesquisa proposto. Nesse momento também se deu início ao processo de escrita, com o balanço historiográfico, a descrição das fontes, discussão teórica e análise das fontes. Concomitantemente, o processo de revisão bibliográfica prosseguiu, para embasar a produção científica. Para interpretar as fontes utilizou-se o conceito de representação, de acordo com Chartier (1988, p. 17) que consiste em esquemas intelectuais através dos quais se constrói significados para a realidade, compondo os discursos os quais são carregados de intencionalidades. A relação entre mídia e sociedade ocorre simultaneamente, influenciando e sendo influenciada. Atentando para a complexidade da linguagem, como a capacidade humana de desenvolver símbolos, ao analisar os discursos presentes nos textos dos jornais analisados, a fim de produzir uma história cultural dos fenômenos sociais, utilizou-se o conceito de representação, conforme Chartier (1988, p. 17), o qual a compreende como esquemas intelectuais através dos quais se constrói significados para a realidade, compondo os discursos carregados de intencionalidades.

Resultados

Neste trabalho, buscou-se discutir as representações dos ideais de beleza e feminilidade na coluna Garota Bonita, escrita por Eugênio Aguilhão, do jornal A Voz de Chapecó, a qual foi publicada durante o ano de 1946, com o objetivo de apresentar os discursos que envolvem as prescrições de gênero, salientando que elas não são naturais às mulheres, mas foram construídas ao longo do tempo.

Percebeu-se que o ideal de progresso moderno recorrente em Chapecó, reflexo dos moldes europeus, relacionou-se com a representação feminina nos periódicos. Com o desenvolvimento do município, entrou em cenário a família nuclear burguesa e com ela, a distinção das classes entre as mulheres, em que a mulher burguesa deveria corresponder a determinados ideais, como os representados no periódico.

Ao perceber as representações, foi importante destacar o mandonismo e a violência presentes no município, pois o jornal pertencia ao grupo que comandava as esferas de poder locais, todos homens e filiados ao mesmo partido, o PSD. Posterior ao período analisado, foram opositores a chapas trabalhistas e divulgavam incessantemente publicações contra o socialismo, contra a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), e partidos de esquerda brasileiros. Eram homens que representavam interesses burgueses, e como tal, os discursos sobre as mulheres de Eugênio Aguilhão estão atrelados a esse interesse.

O município ao longo da década de 1940 contava com um crescimento econômico acelerado, o que favoreceu a criação de uma coluna destinada a aconselhar sobre o comportamento feminino. Compreende-se que era interesse dessa burguesia ascendente a modernização da cidade, havia um forte discurso que incentivava o progresso acima de tudo. Com as iniciativas de modernização, como o clube em que ocorriam os bailes aos moldes europeus, o Clube Recreativo Chapecoense, o CRC, era preciso que as mulheres burguesas se distinguissem cada vez mais das outras mulheres residentes do município. Nos resultados dos concursos de beleza divulgados no periódico constatava-se que quanto mais reconhecido o sobrenome, maior a pontuação das mulheres. Essas prescrições estavam atreladas ao momento político, econômico e social que o município passava.

Ao perceber gênero como o que dá significado às relações de poder, conforme Joan Scott (1990), pode-se concluir que o progresso econômico em Chapecó e as relações sociais que vinham

sendo travadas a partir do advento da propriedade privada com a colonização, foram representando e elaborando prescrições de gênero em relação a esse contexto.

As concepções de beleza nos anos 1946, percebidas como construções sociais, consistiam em mulheres que não apenas satisfaziam os padrões de beleza, mas que desempenhavam o trabalho doméstico e encaixam-se nas idealizações das novas formas de sentir. A ascensão do amor romântico esteve atrelada ao autocontrole dos corpos e as vivências da sexualidade idealizadas, a mulher mesma passou a precisar “se dar o valor”.

Essa mulher representada deveria praticar exercícios para não engordar, cuidar com o uso de cosméticos para não comprometer sua beleza natural, era bonita se soubesse escutar as opiniões dos homens mantendo-se calada e precisava cuidar de seu marido quando conseguisse realizar seu maior sonho, o casamento. Esse cuidado envolvia desde a alimentação saudável para que ele não adoecesse, o trabalho doméstico, até o cuidado com os animais domésticos. Para ser amada e realizar o sonho do casamento, precisava corresponder a esses ideais expostos por Eugênio, portando-se como uma “moça de família”, mantendo-se virgem e controlando suas paixões.

Aguilhão (1946), procurou diferenciar as mulheres entre boas e ruins, alertando o perigo das amigas que opinam muito sobre o casamento das outras e com suas críticas às mulheres chamadas “atômicas”, as que possuíam comportamentos considerados desviantes. O incômodo em relação às mulheres que envolvem-se com os problemas matrimoniais das outras ocorria pois nessas situações era possível haver reclamações, conselhos, apoios. A revolta de Eugênio em relação a esse apoio, alegando que essas mulheres esqueciam o ditado que quem nunca errou “ATIRE A PRIMEIRA PEDRA” (AGUILHÃO, 1946, n. 97, p. 2), corrobora com as interpretações de que as mulheres as quais incomodavam Eugênio estavam ajudando umas às outras em situações em que os maridos teriam cometido erros, em que os casamentos não estavam as satisfazendo. A coluna Garota Bonita em diversos momentos expôs que não havia uma sociedade harmônica que aceitava passivamente as prescrições de feminilidade normativas, os conselhos de como não se comportar refletem uma sociedade que possuía vozes dissonantes.

A coluna surgiu no pós-2ª Guerra Mundial e pós-Estado Novo, momento em que haviam debates feministas ao redor do mundo, e como visto, esses debates estavam presentes em Chapecó. As mulheres estavam conquistando novos espaços, não estavam inertes aceitando os papéis designados na sociedade. Inclusive, este trabalho buscou mostrar que a coluna respondeu em alguns momentos

aos avanços rumo aos direitos das mulheres, afinal, não haveria motivos para prescrever comportamentos se a realidade fosse toda de coerção social.

Como desenvolvido na introdução da presente monografia, apesar dos esforços das mulheres e das lutas feministas, dados mostram permanências em naturalizações de funções às mulheres, como os cuidados com a casa e com os filhos, por esse motivo são importantes pesquisas que procuram dar sua contribuição para apresentar que as características que compreendem a feminilidade hoje não são naturais, mas possuem historicidade e seu alteram ao longo do tempo.

Em relação a beleza, a carta que Eugênio respondeu de M. L (AGUILHÃO, 1946, n. 92, p. 2), em que a leitora relatava descontentamento com seu corpo e preocupação se o namorado continuaria a amá-la após ter engordado, infelizmente não é uma realidade tão distante do cotidiano feminino, a insatisfação estética e as preocupações por alcançar um corpo ideal persistem. Na atualidade há iniciativas dos movimentos feministas, individuais e até publicitárias que buscam discutir os padrões de beleza e promover a aceitação corporal. Ainda assim, pesquisas como a divulgada por Poltronieri, Tusset, Gregoletto e Cremonese (2016), em que 187 mulheres entre 18 e 59 anos responderam a um questionário, sugerem alta taxa de insatisfação com a imagem corporal entre as mulheres, independente da faixa etária e do local de moradia.

Os ideais de beleza e feminilidade na atualidade não correspondem aos expostos ao longo dessa pesquisa. Hoje a beleza encontra-se conectada ao exposto por Nucia de Oliveira (2001), algo que se pode construir com o consumo, de intervenções cirúrgicas, procedimentos estéticos, cosméticos e os mais variados produtos. Em 1946 consistia em algo que não poderia mudar, exceto pela prática de exercícios físicos para ficar com o corpo magro. De todo modo, essas prescrições de beleza sempre foram excessivamente direcionadas ao público feminino, fazendo parte do que se entende como ser feminina em cada época.

Perceber essas permanências faz com que seja reiterada a importância deste trabalho, em que se buscou problematizar e apontar a historicidade das características entendidas como femininas, a beleza e o autocontrole prescrito no amor romântico, contribuindo para a desnaturalização dos papéis de gênero.

Referências

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo, Contexto, p. 111-153, 2010.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (org.). **A história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

HASS, Monica. **O linchamento que muitos querem esquecer**. 3. ed. Chapecó: Argos, 2013.

JENSEN, Silvina; ÁGUILA, Gabriela. Dossier La historia reciente más allá de lo nacional: Cono Sur y Península Ibérica. **Clepsidra**. Revista Interdisciplinaria de Estudios sobre Memoria. Universidad de la Laguna, vol 4, n. 7, p. 6-13, mar. 2017.

MACEDO, Márcio de. **AO CORRER DA PENA: história e representação dos Kaingang no Jornal A Voz de Chapecó (1939 – 1953)**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

NODARI, Eunice Sueli. **“Mata Branca”: o uso do machado, do fogo e da motosserra na alteração da paisagem de Santa Catarina**. In: NODARI, Eunice Sueli; KLUG, João (orgs). História Ambiental e Migrações. São Leopoldo: Oikos, p. 35-53, 2012.

NOVELINO, Aída Maria Brandão. **Feminilidade Contemporânea**. In: II Seminário de Psicologia da UFPE, 1998, Recife, 1998.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. **As páginas da beleza: as representações sobre a beleza feminina na imprensa (1960-1980)**. Florianópolis: UFSC, 2001 (Dissertação de Mestrado em História).

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary del (org). **História das Mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea**. Topoi, v. 12, n. 22, p. 270-283, jan.-jun, 2011.

_____. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **Revista História**. São Paulo: Editora UNESP, vol. 24 (1), p. 77-98, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Estudos de Gênero e História Social**. Revista Estudos Feministas. Vol. 17, n. 1, p. 159-189, 2010.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, 20 (2): 71-99, jul/dez, 1995.

Fontes

AGUILHÃO, Eugênio. **Garota Bonita.** A voz de Chapecó, ano VII, n. 91. 29 jun.1946.

AGUILHÃO, Eugênio. **Garota Bonita.** A voz de Chapecó, ano VII, n. 92. 07 jul.1946.